

## O DISCURSO DE OUTREM COMO FORMA DE POSICIONAMENTO IDEOLÓGICO: AS CONTRIBUIÇÕES DE BAKHTIN/VOLOSHINOV PARA UMA NOVA PRAGMÁTICA

Rafaelle de Oliveira VIEIRA<sup>1</sup>  
Universidade Estadual do Ceará  
rafaelleov@gmail.com

### RESUMO:

O presente trabalho tem como objetivo examinar, na perspectiva de Bakhtin/Voloshinov (1995), de que forma o discurso citado, uma das principais representações da presença do outro no discurso, se mostra como uma forma de marcar o posicionamento ideológico dos sujeitos discursivos. Em suas reflexões sobre dialogismo e heteroglossia, Bakhtin/Voloshinov abrigam o estudo do discurso de outrem, componente fundamental na questão da formação ideológica dos homens. Para os autores, compreender a introdução da palavra do outro vai iluminar a compreensão sobre a evolução ideológica dos sujeitos. Fundamentados, portanto, na teoria bakhtiniana, trago à discussão dois conceitos que nos auxiliam a pensar a relação do sujeito e suas vozes: o estilo linear, no qual o locutor conserva o discurso de outrem, criando fronteiras nítidas à volta do discurso citado; e o estilo pictórico, em que locutor infiltra suas réplicas e seus comentários individuais no discurso de outrem, desfazendo a estrutura compacta do discurso citado e apagando as fronteiras entre os dois enunciados. Dessa forma, a pesquisa pretende contribuir para a compreensão da complexidade da formação ideológica nas práticas discursivas e de sua relação estreita com as inúmeras vozes nele presentes sob o olhar da teoria dialógica bakhtiniana. Para nos ajudar a compor a discussão, faremos uso dos conceitos de ideologia proposto por Thompson (1995) e por Fairclough (2001), como também utilizaremos as contribuições teóricas de Maingueneau (1989) a respeito do discurso citado e de Rajagopalan (2010) sobre o papel social de uma nova pragmática.

**PALAVRAS-CHAVE:** dialogismo; discurso de outrem; estilo linear; estilo pictórico; ideologia.

### ABSTRACT:

This study aims to examine the perspective of Bakhtin / Voloshinov (1995), how the quoted speech, one of the main representations of the speech, shows as a way to mark the ideological positioning of discursive subjects. In their reflections on dialogism and heteroglossia, Bakhtin / Voloshinov home the study of the others' speech, a key component in the matter of men ideological education. For the authors, understanding the other's use of the word will enlighten the understanding of the ideological evolution of the subjects. Therefore, I bring to the discussion two concepts based on Bakhtinian theory, that help us think about the relation of the subject and their voices: the linear style, in which the speaker maintains the speech of others, creating clear boundaries around the quoted speech; and the pictorial style, in which the speaker infiltrates their replicas and individual comments in the speech of others, breaking the compact structure of the speech quoted and erasing the boundaries between the two statements. Thus, the research intends to contribute to the understanding of the complexity of ideological formation and the discursive practices and also its close relationship with the many voices present in it from the perspective of Bakhtinian dialogical theory. To help us make the discussion, we will use the concepts of ideology proposed by Thompson (1995) and Fairclough (2001), as well as using the theoretical contributions of Maingueneau (1989) about the quoted speech and Rajagopalan (2010) on the social role of a new pragmatic.

**KEYWORDS:** dialogism; speech of others; linear style; pictorial style; ideology.

### INTRODUÇÃO

Em *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, Bakhtin/Volochínov (1995) trazem à discussão o fenômeno do discurso citado, principal representação da manifestação da alteridade na interação. Através da dicotomia *discurso direto X discurso indireto*, o discurso

---

<sup>1</sup> Aluna do curso de pós-graduação em Linguística Aplicada – PosLA da Universidade Estadual do Ceará (UECE).

citado foi visto sob uma nova ótica a partir dos estudos dos autores, que tratam essa alteridade como “o discurso no discurso, a enunciação na enunciação, mas é, ao mesmo tempo, um discurso sobre o discurso, uma enunciação sobre a enunciação” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 1995, p. 150). Munidos de uma concepção sociológica nos estudos da linguagem, os autores russos dedicam uma unidade para a discussão sobre os problemas sintáticos, área da Linguística na qual o discurso citado é enquadrado pelas gramáticas normativas. Os filósofos buscam esclarecer que a presença da palavra do outro no discurso vai além das questões sintáticas e estruturais. Envolvem também questões de sentido.

A teoria bakhtiniana inspirou a reformulação da noção gramatical de discurso citado para uma nova perspectiva de pesquisa. Ao entendermos que o discurso é uma forma de ação sobre o outro, conforme nos apresenta Maingueneau (2002), na qual é construída a realidade, podemos focalizá-lo a fim de compreender a própria sociedade. Com base na noção bakhtiniana de dialogismo, Authier-Revuz (1992) defende que o sujeito, enquanto produto do social, interage com diversos discursos. Dessa forma, autora defende que o discurso é produto do interdiscurso. A partir dos pressupostos bakhtinianos, a autora começa a tratar o discurso direto, uma das formas de discurso relatado, como uma retomada de outra enunciação e não uma transmissão desinteressada de uma forma. Tal perspectiva reforça a ideia de que as estratégias empregadas para a reprodução do discurso de outrem acarretam em tons valorativos, representando assim uma tomada de posição.

Na inter-relação dinâmica que se estabelece entre contexto narrativo e discurso citado, é possível identificar diferentes efeitos de sentido produzidos através da inserção da voz de outrem em nosso discurso interior, que podem inferir em diferentes tomadas de posição ideológicas por parte dos sujeitos participantes da interação. Tais posicionamentos ideológicos são produzidos através de diferentes estratégias de manipulação da palavra do outro, nas quais o enunciador estabelece fronteiras entre as vozes constituintes do discurso ou as apaga, ora aproximando-se, ora afastando-se do discurso que cita. Dessa forma, podemos, a partir de aspectos linguísticos, reconhecer a formação ideológica e sua relação com a formação discursiva constituintes do discurso.

O conceito de ideologia também é foco dos estudos de Bakhtin e seu Círculo, que defendiam o estudo da linguagem sob uma visão marxista. O filósofo russo propõe mostrar que a filosofia da linguagem pode conter os elementos necessários para o entendimento da especificidade da ideologia. Para isso, o autor argumenta que a língua é a “realidade material específica da criação ideológica” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 1978, p. 25). Por seu caráter dialético e dialógico, o signo, considerado pelos referidos autores como uma arena de luta de classes, é ideológico por excelência e se revestirá do significado que o contexto social e sua aplicação discursiva definirem.

Na obra *Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa* (1995), Thompson faz uma revisão do conceito de ideologia e ao modo como este relaciona-se com a linguagem. Para isso, faz referência a intelectuais como Destutt de Tracy, Marx, Engels, Lenin, Lukács, Karl Mannheim, Weber, Horkheimer, Adorno, Habermas, entre outros, a fim de apresentar a história da noção de ideologia, analisá-la e criticá-la, propondo-lhe uma nova definição.

Tendo em vista o resgate teórico acima, o presente trabalho tem como objetivo analisar de que forma a citação da palavra alheia, seja de forma implícita ou explícita, revela posicionamentos ideológicos por parte dos sujeitos. Para isso, primeiramente, darei ênfase à perspectiva bakhtiniana acerca do papel da ideologia na constituição dos sentidos para, em seguida,

compará-la aos pressupostos de alguns teóricos que se dedicaram ao estudo sobre o modo como ideologia e linguagem se interligam. Finalmente, através da análise de recortes de textos extraídos do discurso midiático, apresentarei a concretude desse fenômeno.

A pesquisa está inserida numa nova perspectiva pragmática, fundamentada principalmente por Kanavillil Rajagolapan (2010), que defende que todo ato de fala e todo sentido é constituído a partir de fatores sociais, culturais, econômicos, políticos, entre outros. Em sua obra, o referido autor questiona a visão da linguagem como um objeto autônomo ao afirmar que linguagem é *situatedness*, ou seja, sujeito e contexto histórico-social relacionam-se intimamente para a constituição do sentido. O trabalho busca também colaborar no projeto de pesquisa “Para entender Mikhail Bakhtin: proposta para elaboração de um glossário da obra *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, de M. Bakhtin/V. Volochínov” (GONCALVES, J. B. C., 2010), auxiliando para a definição do verbete “discurso citado”.

## 1. O CONCEITO DE IDEOLOGIA

### 1.1 O olhar marxista de Bakhtin/Volochínov sobre o fenômeno ideológico

O conceito de ideologia foi um dos mais pensados nos trabalhos de Bakhtin e de seu Círculo. Ele é abordado de forma mais detalhada na obra *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, de Bakhtin/Volochínov, mas é possível encontrar discussões acerca desse conceito em outros escritos pertencentes ao Círculo. Para os filósofos russos, a ideologia é um fenômeno que deve ser observado por um olhar marxista, buscando mostrar a relação dialética existente entre o marxismo e a filosofia da linguagem. Miotello (2006) assevera que Bakhtin e seu Círculo discutem com mais profundidade questões de ordem ideológica como a “relação da infraestrutura e da superestrutura, a constituição e o papel dos signos, a questão da constituição da subjetividade da consciência, a peculiaridade da palavra literária, o característico da linguagem verbal e sua relação com outros sistemas signícos” (BRAIT, 2002, p. 167), pontos que foram apenas tocados de forma superficial por Marx e Engels.

Apesar de concordarem que a ideologia também é própria da consciência, uma vez que é constituída pelo semiótico e que sua ausência implicaria inexistência de atividade mental, Bakhtin/Volochínov (1978) contestam a tese defensora da ideologia vista de forma mecanicista, proveniente do psiquismo individual. Os autores argumentam que os signos que constituem o pensamento ideológico são criados nas relações interindividuais, portanto, são carregados de valores conferidos por diferentes interlocutores. Por isso, a consciência, além de ideológica, é social.

Um produto ideológico faz parte de uma realidade (natural ou social) como todo corpo físico, instrumento de produção ou produto de consumo; mas, ao contrário destes, ele também reflete e refrata uma outra realidade, que lhe é exterior. Tudo que é ideológico possui um *significado* e remete a algo situado fora de si mesmo. Em outros termos, tudo que é ideológico é um *signo*. *Sem signos não existe ideologia.* (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 1978, p. 31)

Assim, a ideologia não é algo material. Ela faz parte do social e está presente no homem e em sua forma de interagir em sociedade. Por isso, muitas vezes, há divergências de pensamentos, pois cada grupo social tem arraigada em si uma ideologia há muito existente e defendida através dos antepassados, sendo modificada sempre que há algum conflito. As transformações que sofrem a sociedade diante de fatos novos ou produtos ideológicos novos

cabem a cada sujeito, que com sua consciência decidirá o que fazer. Segundo Bakhtin, “as palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos [...] É, portanto, claro que a palavra será sempre o indicador mais sensível de todas as transformações sociais” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 1978, P. 41).

Os filósofos também discorrem acerca da relação entre a infraestrutura e a superestrutura como um dos problemas referentes à filosofia da linguagem. Para eles, a infraestrutura constitui a base da sociedade, as informações, fatos e desdobramentos essenciais para a constituição social de uma determinada comunidade. Já a superestrutura refere-se aos reflexos que as mudanças na infraestrutura acarretam quando buscam um novo objetivo. São, essencialmente, elementos e relações sociais gerados e geridos pela infraestrutura. Nestes elementos constituintes da superestrutura é possível identificar, por exemplo, a psicologia, o Estado, a ideologia social, a educação, a política, a mídia, entre outros.

Para Bakhtin/Volochínov, a ideologia é representada através de esferas ideológicas, também chamadas de superestruturas. É aspecto comum das esferas ideológicas os signos não só fazerem referência a algo, mas também comportarem diferentes interpretações, recriações, enfim, refrações, daquilo a que se referem. A refração é inerente ao signo ideológico, porque uma comunidade linguística é constituída de uma variabilidade de grupos, os quais ressignificarão os signos a partir das suas vivências peculiares. De forma a deixar claro como a ideologia é um componente determinante na linguagem, Bakhtin/Volochínov asseveram que mudanças na infraestrutura expressam-se nas ou esferas ideológicas (superestruturas) e, consequentemente, na língua.

Dessa forma, podemos concluir que Bakhtin/Volochínov buscam compreender a ideologia como um produto histórico e social, enquanto expressão viva e social, materialmente constituída. Conforme Miotello, a perspectiva bakhtiniana no que diz respeito a ideologia pode ser caracterizada como “a expressão, a organização e a regulação das relações histórico-materiais dos homens” (MIOTELLO, 2006, p. 171).

## 1.2 John B. Thompson e sua concepção contemporânea de ideologia

Situado no campo da Teoria Social Crítica, a obra *Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa*, de John B. Thompson, busca refletir acerca dos processos sociais nos quais as relações entre os sujeitos sociais são constituídas por formas simbólicas, processos esses cada vez mais recorrentes. O autor, através de sua pesquisa, também deseja determinar a origem e a função da ideologia na era moderna, marcada pelo surgimento do capitalismo e dos meios de comunicação de massa. O autor acredita que estudar ideologia é compreender e explicar as maneiras pelas quais as formas simbólicas são usadas para a implantação e para a manutenção de relações de dominação.

Thompson (1995) acredita que os conceitos de ideologia podem ser agrupados em duas categorias gerais: as “concepções neutras de ideologia” e as “concepções críticas de ideologia”. As concepções neutras tenta desligar o termo ideologia do sentido negativo. Para o autor, de acordo com as concepções neutras, a ideologia é “um aspecto da vida social” (THOMPSON, 1995, p. 72). Dessa forma, a ideologia pode estar tanto nas tentativas de manutenção como nas de subversão da ordem social e pode ser utilizada por dominantes ou dominados. Por outro lado, as concepções críticas de ideologia estão relacionadas por julgarem ilusórios os acontecimentos ideológicos. Contudo, há diferentes “critérios de negatividade”

(*idem*, p. 73) que diferenciam as acepções críticas quanto aos pressupostos que tornam a ideologia em algo negativo. Sobre essa concepção ideológica, Thompson assevera:

Concepções críticas são aquelas que possuem um sentido negativo, crítico ou pejorativo. Diferentemente das concepções neutras, as concepções críticas implicam que o fenômeno caracterizado como ideologia – ou como ideológico – é enganador, ilusório ou parcial; e a própria caracterização de fenômenos como ideologia carrega consigo um criticismo implícito ou a própria condenação desses fenômenos. (THOMPSON, 1995, p. 73)

O autor caracteriza uma nova formulação do conceito de ideologia, ao invés de reabilitar alguma concepção anterior do seu significado através da história. Em um primeiro momento ele acredita que a análise da ideologia, de acordo com a sua proposta, está interessada com as maneiras que as formas simbólicas se entrecruzam com as relações de poder e como o sentido é mobilizado, no mundo social, servindo para reforçar pessoas e grupos que ocupam posições de poder, ou seja, “estudar a ideologia é estudar as maneiras como o sentido serve para estabelecer e sustentar relações de poder” (THOMPSON, 1995, p.76).

Conforme afirma Costa (1997, p. 144), é possível traçar um paralelo entre o referido autor e o trabalho de Norman Fairclough (2001), que defende a relação dialética entre estrutura social e discurso. Para o autor, o discurso é moldado pela estrutura social, mas a sociedade também é moldada pelo discurso. De acordo com Thompson, o mesmo pode ser concluído sobre as formas simbólicas em geral, e da ideologia em particular. A ideologia está relacionada, desse modo, a uma determinada estrutura social, mas, por outro lado, é igualmente constitutiva dessa estrutura.

Para Thompson (1995), somente terão caráter ideológico as formas simbólicas que, em certos contextos sociais, são utilizadas para manter relações de dominação. Assim, as formas simbólicas contestatórias são não-ideológicas:

As formas simbólicas são ideológicas somente enquanto servem para estabelecer e sustentar relações assimétricas de poder; e é essa atividade, a serviço das pessoas e grupos dominantes, que tanto delimita o fenômeno da ideologia, dando-lhe especificidade e distinguindo-o da circulação das formas simbólicas em geral, como dá a essa concepção de ideologia proposta um sentido negativo. (THOMPSON, 1995, p. 90-91)

Em sua teoria, Thompson (1995) identifica “modos de operações gerais da ideologia”, relacionando-os a “estratégias de construção simbólica”, conforme é visto no quadro abaixo:

**QUADRO 1:** *Modos de operação da ideologia*<sup>2</sup>

<b>MODOS GERAIS</b>	<b>ALGUMAS ESTRATÉGIAS TÍPICAS DE CONSTRUÇÃO SIMBÓLICA</b>
<b>Legitimação</b>	Racionalização Universalização Narrativização

<sup>2</sup> O quadro foi retirado da obra *Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa*, de John B. Thompson (1995, p. 81). A partir do quadro, busco trazer os modos de operação da ideologia de forma sucinta neste trabalho. Para mais detalhes, consulte a obra completa.

<b>Dissimulação</b>	Deslocamento Eufemização Tropo (sinédoque, metonímia, metáfora)
<b>Unificação</b>	Estandartização Simbolização da unidade
<b>Fragmentação</b>	Diferenciação Expurgo do outro
<b>Reificação</b>	Naturalização Eternização Nominalização / passivização

Conforme o autor, a proposta de modos de operação da ideologia não tem como objetivo ser exaustiva. Sua pretensão é demonstrar a relação das formas simbólicas com a questão do poder. Partindo desse princípio, Thompson (1995) cita cinco modos de operações gerais da ideologia, que ele denomina: Legitimação, Dissimulação, Unificação, Fragmentação e Reificação. Esses cinco modos, através dos quais a ideologia pode operar, auxiliam na reflexão das maneiras que o sentido pode servir, em condições sócio históricas específicas, a manter relações de poder, pois eles estão ligados com várias estratégias de construção simbólica.

## 2. POSICIONAMENTO IDEOLÓGICO ATRAVÉS DA PALAVRA ALHEIA

### 2.1 O discurso de outrem

O discurso é a parte mais importante da ideologia, e a partir dele, a ideologia é dominante ou não, pode modificar-se ou não. Com ela, afloram-se as diferenças de pensamento e posição diante de algum fato ou tema específico, pois o discurso é social, é humano, assim como a ideologia é inerente ao discurso. No livro *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, Bakhtin/Volochinov (1978) esclarecem que todo discurso é dialógico, onde o homem é um sujeito inexistente fora da relação com o outro, que se realiza através da linguagem. Eles asseveram que a construção do sentido se dá pela multiplicidade, pelo dialogismo e pela polifonia, elementos constitutivos do discurso citado. Ainda de acordo com os autores, todo discurso é constituído pelo discurso do outro, estando este sujeito a recriações e reinterpretações.

Nosso discurso está carregado do discurso do outro, pois falamos através da palavra alheia. Isso ocorre devido ao fato de sermos sujeitos situados tanto historicamente como ideologicamente em contextos sociais. As palavras que utilizamos não são fruto de um sistema isolado, mas sim de enunciações completas e com “determinada direção ideológica, ou seja, expressam um projeto concreto, um determinado nexos com a práxis.” (PONZIO, 2008, p.101).

Dessa forma, todo discurso concreto presente nos diferentes contextos sociais nunca é completamente novo, pois contém resquícios de outros discursos, ou seja, discursos de outrem, reorganizados de forma dialógica nas falas dos sujeitos, podendo aparecer de maneira mais explícita, marcados pelos recursos linguísticos presentes no discurso, como no discurso direto, ou de maneira implícita, como ocorre no discurso indireto e indireto livre.

O estudo da palavra de outrem de Bakhtin/Volochínov, presente no interior das reflexões referentes ao dialogismo e heteroglossia, toma aqui então o caminho em direção à questão do posicionamento ideológico dos sujeitos. Compreender a introdução da palavra do outro vai iluminar a compreensão sobre a evolução ideológica do homem, conforme afirma os autores, “um processo de escolhas e de assimilação das palavras de outrem” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 1978, p. 142). Essa palavra de outrem assume neste processo de formação ideológica do homem é analisada sob um viés diferenciado, pois está relacionado às “bases da nossa atitude ideológica em relação ao mundo e (às bases de) nosso comportamento” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 1978, p. 142).

Conforme afirma Ponzio (2008), a relação com a voz do outro não é unilateral, pois ela é direcionada para um terceiro interlocutor: o destinatário. Assim, no processo de interação, há, pelo menos, três participantes: eu, a pessoa a quem eu cito e a pessoa a quem eu me dirijo. Essa concepção assegura que a relação entre interlocutores é, portanto, triangular.

É preciso destacar que o funcionamento do discurso citado sofre a influência dos gêneros discursivos e do contexto sócio-histórico, ou seja, as formas do discurso citado não são estáticas, pois sofrem variações. Em face da atitude responsiva ativa do outro perante o enunciador, o enunciado pressupõe sempre, conforme Bakhtin, uma apreciação valorativa. Por conta disso, o discurso alheio está sujeito a diversas interpretações, (re)considerações, (re)acentuações, enfim, a transformações de sentido (RAMOS, 2010), já que não podemos “separar os procedimentos de elaboração deste discurso dos procedimentos de seu enquadramento contextual (dialógico): um se relaciona indissolivelmente ao outro” (BAKHTIN, 2002, p. 141 *apud* RAMOS, 2010, p.01).

Com base na relação entre o locutor e o discurso de outrem que ele cita, Bakhtin/Volochinov (1978) indicam duas orientações de citação. A primeira é denominada *estilo linear*, corresponde a criação de contornos exteriores nítidos ao redor da voz alheia que o autor cita. A segunda orientação, o *estilo pictórico*, que consiste na elaboração da língua de meios mais sutis que o autor infiltre seus comentários no discurso do outro. Nesse caso, há uma diluição dos limites existentes entre os dois discursos, no qual o autor insere suas entoações, o seu humor, a sua ironia ou o seu comentário.

Ancoradas na visão sócio ideológica da linguagem e em sua composição heterogênea proposta por Bakhtin/ Volochinov encontram-se as perspectivas de Maingueneau e Authier-Revuz, principais representantes da corrente francesa da análise do discurso. Para Maingueneau (1993), o fenômeno da citação – utilizando sua terminologia, o discurso relatado – consiste em um dos casos de heterogeneidade mostrada, que inclui, também, outras estratégias de manipulação da palavra alheia, como a negação, a ironia, a pressuposição, o uso das aspas, entre outros. Authier-Revuz (1982) fundamenta-se no conceito de dialogismo concebido pelo Círculo de Bakhtin para explicar as formas de heterogeneidade no discurso. Para a autora, “o sujeito não é uma entidade homogênea, exterior à língua, que lhe serviria para ‘traduzir’ em palavras um sentido do qual seria a fonte consciente” (AUTHIER-REVUZ, 1982, p. 136).

Assim, podemos concluir, pautados na concepção dialógica da linguagem, que a nossa fala não é unicamente nossa. Nela encontram-se inseridas múltiplas vozes. O discurso citado na abordagem do Círculo comprova a natureza heterogênea do discurso e contribui para a sua reflexão. O sujeito, formado histórico e ideologicamente, formula o seu discurso a partir do outro. Por outro lado, ao manifestar de forma ativa o seu ponto de vista acerca da palavra

alheia, esse sujeito mostra-se também como construtor do seu discurso, o que lhe confere o poder de se aproximar ou de se afastar da ideia sugerida pela palavra citada.

Nesse sentido, as práticas sociais as quais os sujeitos estão inseridos podem influenciar nas ideologias reveladas em seus discursos. Ao inserirem-se em outras comunidades e interagirem com outros sujeitos, outras ideologias podem ser reveladas. À medida que essas identidades entram em conflito, são questionadas e analisadas, o diálogo pode se tornar um espaço para (re)construção de identidades para todos os participantes envolvidos.

## **2.2. A tomada de posição através do discurso citado: uma análise desse fenômeno no gênero notícia**

Para Bakhtin/Volochínov (1978), todo enunciado, seja ele escrito, falado ou pensado, participa de um diálogo, que não se restringe ao contexto social mais imediato em que se dá a enunciação, uma vez que este próprio contexto é apenas uma fração de uma corrente de comunicação verbal ininterrupta. Assim, qualquer uso da palavra, da linguagem, está integrado a uma discussão social e ideológica mais ampla, pois sempre é orientado em função de enunciados anteriores, ou seja, sempre responde a algo, refuta, confirma, polemiza e, por conseguinte, antecipa respostas e objeções potenciais.

Com base no pensamento compartilhado por Bakhtin e seu Círculo, trago à discussão uma matéria veiculada pelo jornal *O Povo online* no dia 28 de julho de 2011. A matéria tem como tema a atual situação das faixas de asfalto da capital cearense, que se encontram tomadas pelos buracos, colocando em risco a segurança dos cearenses. Na ocasião, a prefeita de Fortaleza, Luizianne Lins, defende-se das reclamações e justifica a atual situação da malha rodoviária afirmando o alto preço exigido para a manutenção das estradas. A notícia, com a manchete “Resolver o problema é ‘caríssimo’, diz Luizianne”, é um exemplo de como é possível coexistir múltiplas vozes em um discurso. O texto em análise é utilizado com o objetivo de discutir e refletir acerca da relação existente entre as vozes articuladas e a voz produtora do texto, assim como as tomadas de posição ideológicas por parte, principalmente, do autor do texto. Vejamos a notícia.

### **Resolver o problema é "caríssimo", diz Luizianne**

*A prefeita Luizianne Lins afirma que uma solução definitiva para os buracos "é caríssima" e as obras do Transfor devem resolver parte do problema*

A prefeita de Fortaleza, Luizianne Lins, afirmou que o problema dos buracos na Capital não é resolvido definitivamente porque tem um custo muito alto. “É caríssimo, porque muitas vezes a questão a ser resolvida está nas camadas abaixo do asfalto ou com a drenagem”, contou, durante a coletiva para apresentar o balanço da quadra chuvosa, no Paço Municipal. Luizianne não quis detalhar quanto seria o valor para realizar as obras.

Segundo ela, o maior desgaste deixado pelas chuvas de 2011 foram as implicações na malha viária. A prioridade da Prefeitura, conforme Luizianne, é a “vida das pessoas”. “Fizemos um trabalho muito mais preventivo. E, durante os sete anos do meu governo, ninguém morreu em consequência das chuvas”.

Em 2011, a quadra chuvosa foi uma das maiores dos últimos 30 anos. O acúmulo pluviométrico foi de 2.176,8 milímetros, de acordo com dados da Coordenadoria Municipal de Defesa Civil e Fundação Cearense de Meteorologia e Recursos Hídricos (Funceme).

O papel de realizar ações que durem mais tempo é dado ao Programa de Transporte Urbano de Fortaleza



(Transfor), conforme defende a prefeita. O Transfor está orçado em 142 milhões de dólares. “O programa já atingiu uma área de 170 km, mas considero fundamental ações como as da Operação Tapa Buracos”.

Do início do ano até o dia 26 de julho, a Defesa Civil atendeu 2.597 ocorrências registradas pelo telefone 190. O número das áreas de risco também foram diminuídas. Eram 105, no início da gestão, e agora reduziu para 91. “A ação preventiva foi importantíssima”, destaca Arimá Rocha, diretor da Guarda Municipal.

De acordo com Alísio Santiago, as Regionais VI e V registraram o maior números de ocorrências (700 e 442, respectivamente). Isso acontece por terem mais áreas de risco. Na SER I foram 310; SER II 408; SER III 298; SER IV 226; e Secretaria do Centro, 103. Foram 788 riscos de desabamento, 578 alagamentos, 319 inundações, 202 desabamentos e 3 deslizamentos.

**Fonte:** O Povo Online

Segundo Bakhtin (2003), os gêneros têm uma forma relativamente estável, que os falantes reconhecem e usam, uma vez que a linguagem só se realiza em gêneros, conceituados com base nas condições específicas e as finalidades de cada uma das esferas da atividade humana, o conteúdo temático, a construção composicional e o estilo. O gênero notícia tem como principal objetivo relatar fatos de forma objetiva, buscando levar informação ao público leitor ancorando-se em fontes confiáveis. Dessa forma, entendemos que o autor da notícia, ao inserir declarações de sujeitos envolvidos com o fato noticiado, ou seja, o recurso ao discurso citado, traz credibilidade ao seu texto. Apoiando-se na tipologia proposta por Bakhtin/Volochínov (1978), o *estilo linear*, primeira orientação de citação da palavra alheia, é o recurso mais utilizado por esse gênero, uma vez que permite o produtor do texto deixar evidentes as fronteiras que separam o seu discurso e o discurso de outrem.

No título da notícia, o autor apropria-se da voz da prefeita e diz que “resolver o problema ‘é caríssimo’”. Com base na perspectiva bakhtiniana acerca do discurso citado, constatamos que o narrador, ao mesclar a voz da prefeita a seu discurso, faz uso de uma das variantes do discurso indireto. Esse recurso foi nomeado por Bakhtin/Volochinov (1978) de “discurso indireto analisador da expressão” variante do discurso indireto que, aliado ao estilo pictórico, apaga as fronteiras do discurso citado, criando um contexto para este. Além disso, essa variante permite comportar réplicas e comentários do autor, como ironia, humor etc. Os autores supõem para essa variante “um alto grau de individualização da enunciação citada na consciência linguística, e a capacidade de perceber com discriminação as representações da enunciação, delas extraindo o seu sentido objetivo” (*apud* BRAIT, 2007, p. 126).

O título, como é sabido, é um resumo sobre o conteúdo do texto a qual precede, e um motivo que nos faz analisá-lo é que este não só intitula o momento textual – no caso, a notícia – mas também revela a visão que o autor do texto tem de determinado evento social. O título é investido ideologicamente. No caso do texto analisado, podemos constatar que o autor opta pelo uso das aspas para dar ênfase ao vocábulo “caríssimo” buscando um afastamento do seu discurso da voz de Luizianne. Dessa forma, levando em conta o contexto no qual a notícia está inserida, fica claro que o narrador não concorda com a justificativa da prefeita com relação ao número de buracos na cidade.

A notícia é formada por diversas vozes que são trazidas pelo autor. Vejamos as mais recorrentes e o esquema de citação utilizado por ele para representá-la:

VOZES REPRESENTADAS	ESQUEMAS DE CITAÇÃO
Voz representadora (repórter do jornal O Povo)	Discurso direto
Prefeita Luizianne Lins	Discurso direto e indireto
Funceme	Discurso indireto
Transfor	Discurso indireto
Arimá Rocha	Discurso direto
Alísio Santiago	Discurso indireto

É recorrente o uso, pelo autor, do relato direto das vozes dos sujeitos presentes no discurso marcadas por meio de aspas, o que sugeriria, conforme já foi explicitado, um limite demarcado entre a voz representada e a voz do produtor do texto e um distanciamento entre ambas. Por outro lado, ao optar por determinados verbos *dicendi*, o produtor do texto aproxima-se e interfere no sentido do discurso alheio. Vejamos o caso abaixo.

A prefeita de Fortaleza, Luizianne Lins, afirmou que o problema dos buracos na Capital não é resolvido definitivamente porque tem um custo muito alto. “É caríssimo, porque muitas vezes a questão a ser resolvida está nas camadas abaixo do asfalto ou com a drenagem”, contou, durante a coletiva para apresentar o balanço da quadra chuvosa, no Paço Municipal. Luizianne não quis detalhar quanto seria o valor para realizar as obras.

Ao utilizar o discurso indireto, o autor opta por introduzir a palavra da prefeita Luizianne Lins através do verbo “afirmou”. Essa estratégia conota um investimento ideológico presente no enunciado ao mostrar a opinião da prefeita acerca do problema em questão. Nesse caso, Luizianne afirma, de forma categórica, que o problema dos buracos não é solucionado devido ao alto custo que este requer. Por outro lado, ao inserir o discurso da prefeita utilizando o discurso direto – este demarcado por aspas – o repórter usa o verbo “contou”, a fim de confirmar a sua interpretação acerca do caso. A opção por esse verbo nos mostra que o narrador deseja neutralizar-se do discurso proferido, dando à prefeita toda a responsabilidade do enunciado e de suas possíveis repercussões. Entretanto, ao utilizar essa estratégia de citação, o autor, contraditoriamente, aproxima-se do discurso citado ao tecer suas réplicas através da escolha do verbo *dicendi*. Sobre este fenômeno, Bakhtin/Volochínov asseveram que

A língua elabora meios mais sutis e mais versáteis para permitir ao autor infiltrar suas réplicas e seus comentários no discurso de outrem. O contexto narrativo esforça-se por desfazer a estrutura compacta e fechada do discurso citado, por absorvê-lo e apagar as suas fronteiras. Podemos chamar esse estilo de transmissão do discurso de outrem o *estilo pictórico*. Sua tendência é atenuar os contornos exteriores nítidos da palavra de outrem. (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 1978, p. 154. Grifos dos autores)

Uma análise semelhante pode ser feita do excerto “A prioridade da Prefeitura, conforme Luizianne, é a ‘vida das pessoas’”. Nesse caso, a voz representante do jornal O Povo faz

questão de deixar claro que tal pensamento pertence à prefeita de Fortaleza. Para isso, utiliza como recurso o discurso direto demarcado por aspas, assim como a expressão “conforme Luizianne”, que expressa um tom valorativo ao atribuir a palavra à Luizianne. Observe o trecho abaixo:

O papel de realizar ações que durem mais tempo é dado ao Programa de Transporte Urbano de Fortaleza (Transfor), conforme defende a prefeita. O Transfor está orçado em 142 milhões de dólares. “O programa já atingiu uma área de 170 km, mas considero fundamental ações como as da Operação Tapa Buracos”.

Conforme relata o repórter, a prefeita atribui a responsabilidade de realizar ações mais duradouras para a solução do problema dos buracos nas ruas e avenidas da cidade ao Transfor. Ao finalizar o relato da voz de Luizianne, empregando o discurso indireto, com a expressão “conforme defende a prefeita”, o autor deseja que o leitor entenda que esta é a opinião de Luizianne, e não uma justificativa baseada nas leis que regem esse tipo de serviço público. No final do parágrafo, é utilizado o discurso direto para reproduzir o discurso de Luizianne, no qual diz que “O programa já atingiu uma área de 170 km, mas considero fundamental ações como as da Operação Tapa Buracos”. É nítido que a prefeita, ao trazer ao discurso um projeto de sua gestão de solução temporária para o problema dos buracos na cidade, a “Operação Tapa Buracos”, deseja mostrar que, apesar da responsabilidade ser do Transfor, a prefeitura “segue trabalhando” e colaborando com a solução do problema. Com base no pensamento de Thompson (1995), podemos categorizar o investimento ideológico no discurso de Luizianne na estratégia de construção simbólica denominada *universalização*, pertencente ao modo geral de operação *legitimação*. Essa estratégia de construção da ideologia simboliza que os interesses de uns são apresentados como interesses de todos.

Nos dois últimos parágrafos, o repórter do Jornal O Povo dedica-se a mostrar ao leitor, através da apreensão de outras vozes, que o discurso defendido pela prefeita está sujeito a questionamentos. Para isso, o autor traz ao discurso a palavra do diretor da Guarda Municipal, Arimá Rocha, como também a do coordenador da Defesa Civil, Alísio Santiago. Arimá corrobora com o discurso da prefeita ao destacar a importância da ação preventiva tomada pela prefeita (Operação Tapa Buracos). Por outro lado, a voz de Arimá contrasta com o discurso do coordenador da Defesa Civil, que deixa claro os altos índices de ocorrências em decorrência dos buracos, apesar da ação da prefeitura. Tal postura revela uma estratégia de legitimação das suspeitas que incidem sobre a prefeita.

## CONCLUSÃO

Bakhtin/Volochínov (1978) buscam compreender a ideologia como um produto histórico e social, enquanto expressão viva e social, materialmente constituída. A palavra tem implícita em si uma tomada de posição, expressada em um discurso que revela a postura com a qual se identifica. Não é o pensamento individual que constitui a ideologia, mas, sim, a ideologia que o constitui. A ideologia, nessa perspectiva, é fruto das contradições sociais. Por seu caráter dialético e dialógico, o signo, a forma simbólica mais bem acabada, se revestirá do significado que o contexto social e sua aplicação discursiva definirem. Por outro lado, Thompson (1995) acredita que só há ideologia quando houver legitimação de relações de dominação.

A breve análise feita neste artigo da notícia “Resolver o problema é ‘caríssimo’”, diz

Luizianne”, nos revela como o mecanismo do discurso citado tem funções distintas conforme o gênero discursivo e como ele revela posicionamentos ideológicos que se tecem por meio dos efeitos de sentido produzidos por este recurso. Ao identificar e analisar os acentos valorativos presentes no texto, com base nos esquemas de utilização do discurso citado (discurso direto, discurso indireto e discurso indireto livre), concluímos que essa estratégia de representação da palavra alheia é uma importante ferramenta na criação de efeitos de sentidos intencionados pelo autor.

## REFERÊNCIAS

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. *Palavras incertas: as não-coincidências do dizer*. Trad. de Pfeiffer, C.R. e outros. Campinas, SP: Ed. da UNICAMP, 1982.

BAKHTIN, Mikhail (Volochinov). *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1978.

\_\_\_\_\_. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BRAIT, Beth. Bakhtin e a natureza constitutivamente dialógica da linguagem. In: \_\_\_\_\_. (Org.). *Bakhtin, dialogismo e construção de sentido*. Campinas: UNICAMP, 1997.

\_\_\_\_\_. (Org.). *Bakhtin e o círculo*. São Paulo: Contexto, 2009. 207 p.

BRANDÃO, Helena Hathsue Nagamine. *Introdução à análise do discurso*. 2ª Ed. rev. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2004

COSTA, Alexandre Ferreira. *Cadernos de Linguagem e Sociedade Vol.3*, Brasília: Editora Thesaurus, 1997

FAIRCLOUGH, N. *Discurso e mudança social*. Brasília: Editora UnB, 2001.

MAINGUENEAU, Dominique. *Novas Tendências em Análise do Discurso*. Campinas, SP: Pontes: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 2ª Edição, 1993.

MIOTELLO, Valdemir. *Ideologia*. In. BRAIT, Beth (Org.) *Bakhtin: conceitos-chave*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

PONZIO, Augusto. *A revolução bakhtiniana: o pensamento de Bakhtin e a ideologia contemporânea*. São Paulo, SP: Contexto, 2008.

THOMPSON, J. *Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa*. Petrópolis: Editora Vozes, 1995